

As vivências materiais no espaço e as vivências anímicas no tempo

Rudolf Steiner

GA 134* Quarta palestra Hannover, 30 de dezembro de 1911

Tradução: Salvador Pane Baruja, 09/09/2024

Uso particular e sem fins lucrativos

NT: O título desta palestra, uma das cinco proferidas por Rudolf Steiner na sede do ramo da Sociedade Teosófica da Alemanha em Hannover, consta do sumário da edição utilizada para esta tradução. Conforme nota na mesma, Rudolf Steiner realizou as palestras numa época em que ainda dirigia a Sociedade Teosófica, quando utilizava, além do conceito de “ciência espiritual”, principalmente a expressão “teosofia”. A seu pedido, ela foi mudada para “antroposofia” em publicações posteriores das palestras desse período.

As notas taquigráficas de Georg Klenk foram datilografadas, mas estes originais se perderam. Durante a palestra, Rudolf Steiner desenhou no quadro negro, mas as ilustrações só existem como o taquígrafo as registrou. A partir delas, a artista russa Assja Turgenieff (1890-1966) criou um traçado para reproduzi-las.

O ser humano só tem acesso de fato ao que normalmente é chamado de matéria através de representações mentais relativamente difíceis. E quando no sentido oculto tenta-se esclarecer a essência da matéria, da substância, então deve-se perguntar especialmente: qual é a propriedade que mais se destaca naquilo que comumente chamamos de matéria? Se a pessoa se entregar a essa tarefa isenta de preconceitos, vai achar que a matéria destaca-se principalmente por preencher o espaço, pela propriedade de dilatar-se no espaço. Ninguém vai chegar a dizer que algo que se apresenta à sua própria alma – digamos que seja um sentimento, um pensamento ou mesmo a vontade de agir – ocupa um espaço.

Toda e qualquer pessoa vai ver logo que não teria sentido se quisesse afirmar que um pensamento qualquer – digamos, o pensamento dirigido a um herói – seria aproximadamente cinco metros quadrados maior do que o pensamento destinado a um homem comum e corrente, não é mesmo? Quem quiser elaborar isso, perceberá logo que não é possível de jeito nenhum aplicar os nossos estados e processos anímicos como eles são para preencher o espaço, para dilatar o espaço.

Aliás, pode-se dizer que a matéria teria uma outra propriedade, ou seja, que a matéria deveria ter peso. Mas não é muito fácil de se lidar com essa questão do peso da matéria, como veremos no decorrer destas palestras. Quando nos colocamos na posição de observadores do mundo, nós não podemos de jeito nenhum observar e contemplar diretamente algo a respeito do peso, mas sim podemos perceber o espaço ocupado, a expansão, aquilo que se dilata.

Além disso, sabemos que essa dilatação geralmente ocorre nas três dimensões que atribuímos ao espaço, ou seja, na altura, na largura e na profundidade. É uma verdade corriqueira, pode-se afirmar que é trivial, dizer que as coisas no espaço se dilatam nessas três dimensões. Portanto, devemos reconhecer a dilatação nas três dimensões como, digamos assim, a característica mais marcante da matéria.

Quem refletir o que foi falado anteriormente — que não podemos afirmar que o que mora na alma preenche o espaço —, vai ter que dizer que existe algo mais além da matéria, além da substância, que preenche o espaço. Pois, inequivocamente, faz parte das observações do mundo físico constatar que existem processos, estados, que não podem ser dilatados, como é o caso das vivências anímicas.

Se os senhores observarem as vivências anímicas igualmente isenta de preconceitos como quem observa as vivências da matéria no espaço, logo acharão uma outra característica das vivências anímicas, sem a qual elas não existiriam. Nada mais podemos fazer do que confessar com isenção que as vivências anímicas decorrem no tempo. Assim como não podemos dizer que um sentimento, um impulso volitivo, tem cinco metros de comprimento ou ocupa uma área de cinco metros quadrados, devemos confessar que aquilo que sentimos, que pensamos, na medida em que constituem vivências anímicas, decorrem no tempo. Igualmente, devemos admitir que não somente precisamos de um determinado período de tempo para vivenciá-las, mas também que uma vivência se apresenta antes de uma outra e outras surgem posteriormente. Em poucas palavras, que as vivências da alma estão subordinadas ao tempo.

Ocorre que na nossa realidade, em tudo o que nos envolve e o que nós mesmos somos, as relações de tempo e de espaço de fato se misturam. Especificamente, no mundo exterior as coisas se desenvolvem de tal maneira que elas se dilatam no espaço, mas também consecutivamente no tempo, ou seja, elas requerem um certo tempo {para se expandirem}. Antes mesmo de abordar as verdades ocultas, já surge a questão: como se relaciona realmente o espaço em relação ao tempo? Eu diria que neste ciclo de palestras antropológicas estamos abordando de maneira muito inocente uma questão que, de fato, sempre povoou o mundo como uma grande questão filosófica, a respeito da qual, se nos for permitido expressar em sentido figurado, muitas pessoas quebraram a cabeça: as relações entre tempo e espaço.

No que diz respeito às relações entre tempo e espaço que hoje estamos abordando de maneira muito inocente, não será muito fácil para os senhores acompanharem os pensamentos que fazem parte do tema, porque a maioria dos presentes não conta com uma qualificação especificamente filosófica. Mas se os senhores se esforçarem em acompanhar esses pensamentos, então verão que esses pensamentos são infinitamente frutíferos e que os senhores poderão aprofundá-los se os trabalharem meditativamente.

Seria bom se os senhores tomarem como ponto de partida o tempo que vivenciam na própria alma. Paralelamente, perguntem-se como vivenciam o tempo no seu próprio interior. Gostaria de falar mais claramente, na medida em que peço aos senhores que não considerem o tempo que é marcado pelo relógio, pois nesse caso naturalmente só comparam a vida interior com processos exteriores. Portanto, os senhores devem abrir mão completamente de considerar o tempo marcado pelo relógio ou qualquer outro processo do mundo exterior. Tentem perguntar-se como podem formular a pergunta dirigida à própria alma: de que maneira se apresenta a relação temporal na própria alma?

Mesmo que os senhores passem a refletir profundamente e a considerarem meticulosamente a questão, não poderiam pensar nada mais determinante em relação ao tempo do que se fossem expressar agora um pensamento, dizer que ele é provocado por uma percepção do mundo exterior. Os senhores olham algo ou ouvem algo e aí surge um pensamento ou uma representação na alma dos senhores. Ao se perguntarem mais precisamente qual é realmente a relação dos senhores com essa representação, com esse pensamento, deverão dizer que, enquanto os senhores têm esse pensamento, os senhores são realmente o próprio pensamento.

Se os senhores tentarem pelo menos uma vez refletir profundamente este tema, acabarão dizendo que, enquanto o pensamento tomar seu tempo, os senhores são na sua mais profunda essência interior esse pensamento. Seria um preconceito se, paralelamente, os senhores pensarem no “Eu sou” ou algo parecido. Enquanto os senhores estão entregues a um pensamento, esse “Eu sou” não está presente. Os senhores são o próprio pensamento. Os senhores deveriam ter mesmo certa prática para, paralelamente ao pensamento que têm, quisessem ser algo mais.

Inicialmente, a pessoa abre-se aos pensamentos ou sentimentos que se manifestam diretamente a ela. Mas digamos que os senhores deixam que este pedaço de giz lhes suscite um pensamento, aí então os senhores ignoram todas as outras coisas, se entregam exclusivamente à representação do giz provocado pela percepção, e aí a sua própria essência interior está unida à representação do giz. Contudo, assim que os senhores conceberem essa representação e lembrarem que ontem também viram um pedaço de giz, então passarão a comparar a representação que têm diretamente do giz com aquilo que ontem vivenciaram como sendo o giz. Se os senhores levarem a sério o pensamento de que se identificam diretamente com o giz observado hoje, também descobrirão que, do mesmo jeito que se identificam com o giz de hoje, não se identificam {mais} com o giz de ontem.

O giz de ontem deve ter ficado nos senhores como uma representação de sua lembrança. Se os senhores realmente se uniram {interiormente} à representação do giz de agora, então o giz de ontem virou algo exterior ao íntimo dos senhores, ou seja, o giz de agora é efetivamente a sua verdadeira interioridade de hoje. Essa representação da lembrança é algo que, de fato, os senhores podem observar retrospectivamente, mas ela tornou-se {na alma} algo exterior perante a representação do giz de hoje. Tudo o que os senhores vivenciam na alma é dessa forma, exceto o momento presente.

O momento presente de uma pessoa vem a ser o seu íntimo desse instante. Tudo o que os senhores vivenciaram é o que já removeram do seu próprio íntimo para fora. Se quiserem ter uma imagem disso, os senhores poderiam se representar que o momento presente e as representações mentais são uma serpente, e o que os senhores removeram é a pele descamada da serpente.

É como se a serpente tivesse uma segunda e uma terceira peles descamadas e as deixasse para trás, e igualmente os senhores podem se desfazer das representações como se fossem algo exterior em relação ao íntimo dos senhores em cada momento presente. Em outras palavras, na medida em que os senhores se lembram de algo, os senhores transformam permanentemente o seu íntimo em algo exterior, pois, assim que os senhores passam a ter outra representação mental, transformam a representação que até agora tinham do giz em algo exterior no momento que se segue. Ou seja, os senhores trabalham permanentemente numa exteriorização {das representações das lembranças na alma}.

Os senhores deixam para trás o seu íntimo, na medida em que esse íntimo passa a ser algo exterior como se fosse uma pele. Nisso consiste a vida anímica, em que o íntimo continuamente passa a ser algo exterior, de tal forma que no nosso processo espiritual interior poderíamos distinguir entre o íntimo propriamente dito e o exterior alojado no íntimo. Ao ficar no nosso íntimo, devemos distinguir nesse íntimo entre duas partes: a parte que é o nosso próprio íntimo e a parte do nosso íntimo que se tornou algo exterior.

Vejam os senhores que o processo que acabamos de consumir, no sentido do íntimo tornar-se algo exterior, é o que gera o conteúdo da nossa vida anímica. Se voltarem a refletir, os senhores verão que podem contar à sua alma tudo o que vivenciaram desde a mais tenra infância, a partir do momento em que passam a se lembrar do ocorrido. A pessoa que esquecesse tudo o que vivenciou na vida seria alguém que teria perdido o seu Eu. Portanto, a realidade da nossa vida anímica repousa nessa possibilidade de deixar as lembranças para trás e, mesmo assim, conservá-las, como se fossem peles constantemente descamadas.

Agora, os senhores podem pensar que essa realidade da vida anímica adquire as mais variadas formas. Peço aos senhores que prestem atenção, que, na verdade, em cada momento a vida anímica é configurada de diferentes maneiras. Digamos que os senhores passam uma maravilhosa noite com céu estrelado ou escutam uma sinfonia de Beethoven. Em cada um desses instantes, os senhores identificaram o seu íntimo com uma ampla região da vida anímica. Digamos que, nesse noite de céu estrelado, os senhores entram em um quarto tenebroso e miserável. É como se, repentinamente, essa vida anímica tivesse se contraído, e poucas representações mentais estão presentes.

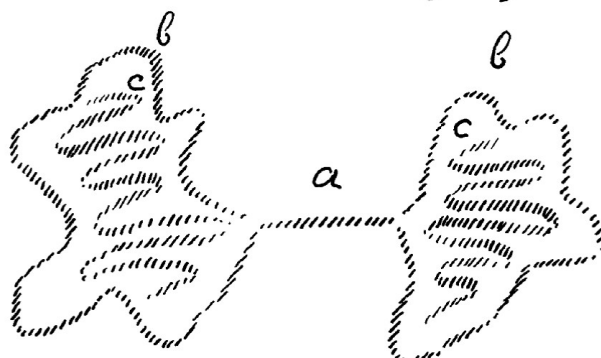
Ou, quando a sinfonia emudece, os senhores se contraem, no que diz respeito às suas representações auditivas. Mesmo quando dormem, a vida anímica dos senhores se contrai por completo, até que, ao acordarem, ela se agita novamente. Portanto, a vida anímica é permanentemente refeita. Se agora a desenharmos, o faríamos de muitas maneiras, mas seria apenas uma imagem, porque desenhamos no espaço e, entretanto, afirmamos que o tempo não é espacial. Neste ponto aqui (a) do desenho, {a vida anímica} se encolhe por completo e neste daqui (b) volta a se expandir.

Deveríamos pensar a vida anímica conformada das mais diferentes maneiras, apesar de que aqui o ponto (c) é {representa} sempre o conteúdo da vida anímica. A partir desse desenho simbólico, os senhores já podem reconhecer que a vida anímica se contrai e volta a se agitar, mesmo que {o desenho} só deve elucidar visualmente aquilo que não é visível. A vida anímica de quem ouve uma sinfonia é mais rica do que a da pessoa que só ouve uma única badalada. Portanto, pode-se dizer que a vida anímica se encolhe e volta a se agitar, mas não se deve misturar as representações espaciais {a esse processo}. Sem dúvida nenhuma, esse encolher e agitar gera um movimento espiritual interior. Movimento! A vida anímica é movimento.

Desenho 1

Vontade Sabedoria Movimento Forma

Wille Weisheit Bewegung Form



Agora os senhores só devem pensar em um movimento, que não é o movimento no espaço, mas o que acabamos de descrever. Esse processo de agitar e encolher gera formas. Portanto, os senhores têm o movimento e a expressão exterior do movimento em determinadas formações, em determinadas formas. Mas tudo isso sem formas espaciais! Essas formas às quais nos referimos aqui não são formas espaciais, mas as formas da vida anímica que se encolhem e se expandem. O que vive nesse processo de encolhimento e de expansão, o que vive realmente nele?

Bom, os senhores chegarão mais perto da chamada realidade quando refletirem um pouco sobre o que deve viver nela: nela vivem os sentimentos, os pensamentos, os impulsos volitivos dos senhores, na medida em que tudo isso é espiritual. É como a água, que {em estado líquido} flutua, se movimenta em formas, mas tudo {nesse processo} é espiritual. Agora os senhores só precisam de mais uma representação para entender tudo. Nós tínhamos falado que pensamentos, representações, sentimentos e impulsos volitivos vivem nele. Ocorre que os impulsos volitivos são, de certa forma, algo que é necessário num sentido mais fundamental ainda do que os próprios pensamentos, pois se os senhores considerarem que essa vida anímica, às vezes, é vivida em movimentos mais acelerados, e, outras vezes, mais lentos, então os senhores sentirão interiormente que realmente é a vontade que coloca isso em movimento.

Se os senhores estimularem a sua vontade, podem aumentar a velocidade do fluxo dos pensamentos e sentimentos. Quando a vontade é indolente, tudo isso corre mais devagar. Os senhores precisam da vontade para expandir a vida anímica. Portanto, na vida anímica temos a seguinte sequência: a vontade; depois, o que vive de sentimentos, representações e tudo aquilo que no interior da nossa vida anímica – vida anímica, digo eu – podemos entender como sendo expressão de sabedoria; depois, o movimento, que se encolhe e se agita; e, finalmente, a formação, a forma, que surge como expressão do movimento. Os senhores podem perfeitamente distinguir na sua vida anímica entre vontade, sabedoria, movimento e forma. Tudo isso vive e entretence o interior da vida anímica.

É uma pena que não podemos prolongar este ciclo {de palestras} por um mês, pois então aí poderíamos falar mais detalhadamente. Aí os senhores veriam que é possível fundamentar detalhadamente que na própria vida anímica dos senhores transcorre o que tem as suas raízes na vontade, e que também contém sabedoria, movimento e forma. Assim, os senhores verão que, de forma curiosa, essa ordem aqui atribuída à vida anímica está estranhamente de acordo com os nomes que poderíamos dar à sucessão das hierarquias dos espíritos da Vontade, da Sabedoria, do Movimento e da Forma¹. De certa forma, na medida em que desdobramos dessa maneira a nossa própria vida anímica, pegamos de surpresa as hierarquias, realmente as pegamos de surpresa no interior da vida anímica.

Elas se revelam de uma maneira muito estranha no interior da nossa vida anímica, pois seu efeito é absolutamente não espacial {NT: a expressão é utilizada nos países de língua portuguesa, mas não é aceita pela academia ligada ao Estado}. Mesmo que {neste processo} mais nada poderíamos conseguir, pelo menos ganhamos algo importante, que é de certa forma a representação mais próxima possível de um importante atributo dessas quatro hierarquias – dos espíritos da Vontade, da Sabedoria, do Movimento e da Forma. A saber, essas hierarquias possuem o atributo de serem não espaciais. É muito importante que a “forma” refere-se em primeiro lugar à formação não espacial, que age anímica e espiritualmente.

¹ Veja Rudolf Steiner *A Ciência Oculta*, edição original em alemão de 1910. No Brasil, lançado pela Editora Antroposófica sob o título de *A Ciência Oculta Esboço de uma cosmovisão supra-sensorial*, São Paulo, terceira edição, 1991, capítulo A evolução do universo e do homem, Obra Completa volume 13.

Portanto, quando falamos das formas que os espíritos da Forma criam, elas não são formas exteriores espaciais, mas são as formações que na verdade somente se apresentam interiormente à nossa consciência e que podemos captá-las no decorrer da nossa vida anímica. Este decorrer é exclusivamente temporal. Os senhores não podem se representar {estas formações} sem o fator tempo. Se, contudo, os senhores ficarem na vida anímica, devem se representar {as formações} de maneira não espacial, com exceção da ilustração, que nada significa para a coisa em si.

Como os espíritos da Vontade agiram inicialmente no antigo Saturno, os da Sabedoria no antigo Sol, os do Movimento na antiga Lua e os da Forma na Terra, então nós poderíamos dizer, considerando apenas o modo interior dos Espíritos da Forma, que estes espíritos criaram de tal maneira o ser humano na Terra que ele ainda tem uma forma invisível. Isto está belamente de acordo com o resultado de ontem. Inicialmente, os espíritos da Forma deram ao ser humano no começo de seu devir na Terra formas invisíveis, formas não espaciais.

Inicialmente, devemos considerar que todos os objetos exteriores que se apresentam, tudo o que avistamos por meio dos nossos sentidos no mundo exterior, nada mais são do que expressões exteriores da interioridade do espiritual. Detrás de cada objeto material exterior espacial, temos que procurar algo semelhante ao que vive na nossa própria alma. Apenas que, evidentemente, nada isso se manifesta diante dos nossos sentidos físicos, mas está por trás daquilo que esses sentidos oferecem.

Como seria possível imaginar o efeito além daquilo que os espíritos da Forma criam como sendo a forma ainda não espacial? Portanto, bem entendida, a nossa questão agora é: o que acontece, então, quando o efeito da vontade, da sabedoria, do movimento, da forma, vai além, vai além da forma? Essa é a questão. Vejam os senhores que, de fato, quando um processo no cosmos avançou até a forma, que ainda se encontra na totalidade do anímico e do espiritual, que ainda não tem uma forma espacial, quando o processo avançou até a sua forma supra sensível, então o próximo passo só é possível porque essa forma como tal se quebrou.

É isso o que se apresenta ao olhar oculto. Quando certas formas, criadas sob influência dos espíritos da Forma, se desenvolvem até um certo estágio, então as formas se quebram. E quando os senhores consideram formas quebradas, portanto, algo que surge porque as formas, inicialmente ainda supra sensíveis, se quebraram, então os senhores têm a passagem do supra sensível para o sensorial no espaço. E aquilo que é a forma partida é a matéria. Para os ocultistas, a maneira como a matéria surge no cosmos nada mais é do que a forma {supra sensível} partida, destroçada, despedaçada.

Se os senhores pudessem imaginar que, neste caso, o giz fosse invisível e teria essa curiosa forma de paralelepípedo. Agora, os senhores pegariam um martelo e bateriam ligeiramente no pedaço de giz, que se despedaçaria em muitos pequenos fragmentos. Os senhores teriam acabado de estraçalhar a forma. Digamos que, no instante em que os senhores estraçalharam a forma, o invisível tornou-se visível e aí os senhores têm uma imagem do surgimento da matéria. A matéria é um espírito que se desenvolveu até o estágio da forma e depois estourou, rebentou, se desfez em pedaços.

A matéria é um montão de cacos do espírito. É extraordinariamente importante que as pessoas compreendam esta definição de que a matéria é um montão de cacos do espírito. A matéria, portanto, é na verdade espírito, mas espírito arrebatado.

Se os senhores continuarem pensando, irão concluir que {Steiner faz como se os presentes falassem com ele}: “sim, {a matéria é espírito arrebentado}, porém, defrontamo-nos com formas espaciais, a exemplo das belas formas dos cristais. Através dos cristais, defrontamo-nos espacialmente com belas formas. E você {sic} diz que toda matéria é um montão de cacos do espírito, espírito quebrado!”. Para ter uma representação mental disso, pensem os senhores primeiro em um jato d’água que cai (a).

Desenho 2



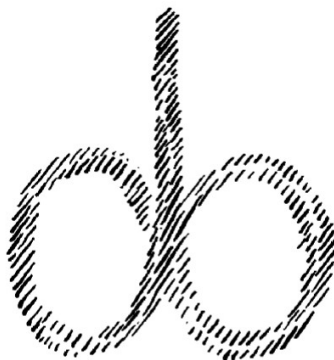
Porém, considerem que o jato d’água é invisível, os senhores não podem vê-lo. Aqui tem um ponto de encontro (b). Devido a que o jato d’água cai aqui (b), ele se arrebenta em gotas (c). Considerem os senhores que o jato d’água em queda é invisível, mas o que se arrebenta é visível. Assim, os senhores teriam um jato d’água em queda que se arrebenta, mas, por outro lado, teriam uma imagem da matéria. Contudo, agora os senhores deveriam apagar {a imagem} do ponto de encontro, pois algo assim não existe, pois seria pressupor que a matéria já estaria lá {antes do jato d’água em queda se arrebentar}. Os senhores devem se representar que, sem esse ponto de encontro, a matéria é invisível, no sentido de que ela está espiritualmente integrada na forma, a matéria está em movimento, pois o movimento precede a forma.

Nada existe que não seja penetrado pelas ações dos espíritos do Movimento. Num determinado ponto, o movimento chega à forma, esmorece {diminui ou perde o vigor} e parte-se em si mesmo. A questão principal é que nos o concebemos de tal forma que, sendo inicialmente anímico e espiritual, ele irradia, mas, por ter uma dinâmica limitada, essa dinâmica chega ao fim, então recua em si mesmo e aí estoura. Portanto, quando em algum lugar vemos que a matéria se manifesta, poderíamos dizer que essa matéria se fundamenta em algo supra sensorial, cuja ação chegou ao limite e estourou ao chegar a esse limite.

Mas antes de estourar {e se manifestar como matéria} esse algo ainda tem interiormente formas espirituais. E age, conforme existiu como forma espiritual, em cada um dos destroços nos quais se partiu. E continua gerando efeitos lá onde as linhas das formas espirituais agem com força depois de estourar e ainda se expressa nos efeitos posteriores dessas linhas espirituais. É assim que surgem os cristais. Os cristais são reproduções de formas espirituais, que, por assim dizer, graças à própria dinâmica, mantêm a direção original {mas} em sentido contrário.

O que acabei de desenhar para os senhores é quase igual ao que se apresenta para o pesquisador oculto como sendo o hidrogênio. Para a observação oculta, o hidrogênio se apresenta como se fosse um jato que vem zunindo do infinito, esmorece em si mesmo e, depois, separa-se borrifando. Mas {o jato} deveria ser desenhado de tal maneira que mostraria como se aqui as linhas se excedessem além dos seus limites e ainda mantivessem a sua forma. Assim, uma parte do hidrogênio se parece a um jato invisível, que vem de infinitas regiões distantes e, no final, se quebra como um jato que borrifando. Resumidamente, por toda parte a matéria é aquilo que se pode chamar de espiritualidade partida. Precisamente, a matéria nada mais é do que espírito, mas espírito partido.

Desenho 3



Ainda tenho que trazer à alma dos senhores um pensamento difícil, ligado ao que disse hoje no começo {da palestra}. Eu tinha falado que mesmo no interior anímico e espiritual distinguimos entre o interior e o exterior. Na verdade, todas as dimensões espaciais baseiam-se nestas oposições, de tal forma que, em toda parte onde os senhores têm uma dimensão espacial, podem entendê-la como que se ela partisse de algum ponto. Isso aqui é o interior, tudo o resto é o exterior. Para uma superfície, a linha reta é o interior, tudo o resto é o exterior e assim por diante. Portanto, o espaço nada mais é do que aquilo que se forma por si mesmo, na medida em que o espírito tem que estourar e, dessa maneira, passa para a existência material.

Agora, é extraordinariamente importante considerar o seguinte. Pensem os senhores que o espírito se parte dentro da matéria de tal maneira que, a princípio, ele se quebra, se espatifa, sem ter encontrado qualquer matéria pré-existente, ou seja, ele se quebra, se espatifa, por conta própria e, portanto, não encontra qualquer tipo de resistência exterior. Vamos supor que o espírito se quebra, digamos assim, no vazio. Quando o espírito se quebra no vazio, surge especificamente a matéria mineral. Em consequência, o espírito deve realmente quebrar-se a partir de si mesmo e em si mesmo, e assim surge a matéria mineral. Considerem os senhores que isso não seria algo que, por assim dizer, ocorre no cosmos de maneira virginal, mas que, aquilo que a partir do espírito se rompe, se quebra, já encontra um mundo preparado, portanto não se desenvolve adentrando o vazio, mas, digamos assim, adentrando uma corporalidade etérica pré-existente.

Quando se desenvolve no interior do vazio, surge a matéria mineral. Porém, nós presumimos que se desenvolve no interior da corporalidade etérica pré-existente. Uma espiritualidade assim quebrada como que se ouriça dentro de um corpo etérico, {pois} essa matéria quebrada e esse corpo etérico já existiriam anteriormente. Consequentemente, a espiritualidade não se quebraria na matéria de um mundo virgem, mas a espiritualidade se romperia em matéria dentro do corpo etérico. Assim, não surge a matéria mineral, mas a vegetal. Portanto, quando o espírito se rompe no interior da substância etérica, surge a matéria vegetal.

Porém, ontem encontramos uma curiosa substância etérica. Os senhores devem se lembrar o que constava no quadro negro: encontramos um corpo etérico, que tem um excedente, uma abundância, em relação à substância astral. Ontem também dizemos que isso provém das influências lucíféricas, que agiram no ser humano. Acontece que nós não somente encontramos uma substância etérica que tem um sobrepeso em relação ao astral, mas também achamos uma corporalidade física, que tem um sobrepeso em relação à substância etérica, ao corpo etérico. Isso foi o que achamos primeiro, não é mesmo? Considerem os senhores essa curiosidade, que realmente só surgiu devido à influência luciférica; essa curiosa ação conjunta numa organização humana mal combinada!

Lá onde o corpo físico encontra o corpo etérico e o corpo etérico mostra-se por toda a parte desorientado devido à preponderância do corpo físico, aí não é que o espírito simplesmente borriфа {seu conteúdo} no interior da corporalidade etérica e se quebra, mas que borriфа nessa corporalidade, que na verdade é uma corporalidade etérica, na qual, contudo, o físico é predominante. Quando então o espírito borriфа no interior desse tipo de corporalidade e se quebra, surge então a substância dos nervos, a matéria neural. Portanto, também temos o espírito que borriфа no interior da corporalidade etérica com preponderância de corporalidade física e assim surge a matéria neural.

Aqui os senhores têm três níveis de materialidade: primeiro, a materialidade comum, que os senhores encontram no mundo sensorial; depois, a materialidade que encontram nos corpos vegetais; e então, a materialidade que encontram nos corpos humano e animal, devido às irregularidades que surgiram nela. Pensem os senhores em tudo o que deveríamos fazer, se quisermos enumerar as diferentes condicionalidades das mais diversificadas materialidades do mundo! Ontem já vimos algumas das irregularidades que surgem através da influência luciférica. Por outro lado, depois vimos como a corporalidade etérica pode se sobrepor à corporalidade astral. Aí então, quando o espírito borriфа de uma determinada forma nessa corporalidade astral com predomínio da corporalidade etérica, surge a matéria muscular.

Os senhores vêem que é por isso que a matéria neural e a matéria muscular têm um aspecto curioso, não podem ser comparadas com tudo o mais que existe no mundo exterior, porque elas surgem dessa maneira tão complexa. Os senhores podem compreender isso se pensarem que borriфam um metal liquidificado, inicialmente ao ar livre, depois na água e finalmente talvez injetam na matéria sólida. As diferentes materialidades surgem no mundo de maneiras muito complicadas. O mais importante que hoje quis mostrar aos senhores é a necessidade de descer profundamente na existência quando realmente se quer pesquisar estes temas.

Se os senhores borrifarem o espírito naquilo que a seguir se apresenta materialmente, naquilo onde o Eu age e se sobrepõe ao corpo astral, portanto, quando o espírito pulveriza e quebra aquilo que se apresenta na irregularidade corporal, que surgiu porque o Eu na sua essência se sobrepôs ao corpo astral, surge então a matéria óssea, mas inicialmente através de muitos desvios. Como os senhores observam, quando a matéria se forma a partir do espírito, isso depende essencialmente de como ela espirra, como se espalha rapidamente. Os senhores deveriam registrar o que eu disse, mesmo que não consigam acompanhar detalhadamente em pensamento.

Os senhores deverão ter captado o sentido geral disso tudo, que consiste em que por toda parte a matéria é vista como o espírito pulverizado, arrebatado, mas bem que algo vem um pouco ao encontro do espírito arrebatado. Aí, digamos assim, o espírito é pulverizado conforme o que vier ao seu encontro e surgem as matérias configuradas das mais diferentemente maneiras: neural, muscular, vegetal e por aí afora.

Talvez agora os senhores acalentem na alma a seguinte questão: o que teria acontecido nesse sentido com o ser humano se a influência luciférica não tivesse se manifestado? Ontem já enumeramos exaustivamente o que teria acontecido com o ser humano. Mas o que teria acontecido nesse sentido? Sim, vejam os senhores, o ser humano da atualidade não deveria ter recebido os nervos que possui. Esses nervos surgem na matéria somente porque existe essa relação desordenada. Igualmente, se a influência luciférica não tivesse surgido, o ser humano não teria nem ossos nem músculos. Resumidamente, vemos que surgem as mais diferentes matérias porque formas espirituais se derramam em algo que existe devido à influência luciférica.

As matérias muscular, neural e outras não poderiam ter surgido se não houvesse ocorrido a influência luciférica. Devemos perguntar de maneira mais enfática do que ontem: o que é o ser humano como ser material? Da maneira que ele se apresenta exteriormente, ele é apenas o resultado da influência luciférica. Pois, ele não teria nervos, nem músculos, nem ossos no sentido atual, se não existisse a influência luciférica. O materialismo não descreve o que Lúcifer fez com o ser humano e, portanto, no sentido mais elevado, o materialismo é o conjunto de alunos de Lúcifer, que rejeita tudo o resto.

O que teria sido do ser humano se ele tivesse permanecido no estado paradisíaco? Hoje quero inicialmente apresentar um esboço superficial daquilo que teria sido o ser humano se não tivesse acontecido a influência luciférica, para que amanhã possamos ampliá-lo com representações mais fáceis. Portanto, se a influência luciférica não tivesse chegado à evolução humana na Terra, teria surgido inicialmente o que vem da influência dos espíritos da Forma, pois eles são os últimos espíritos de uma elevada hierarquia que agiram no ser humano. Esses espíritos da Forma criaram uma forma puramente espiritual, inicialmente nada espacial.

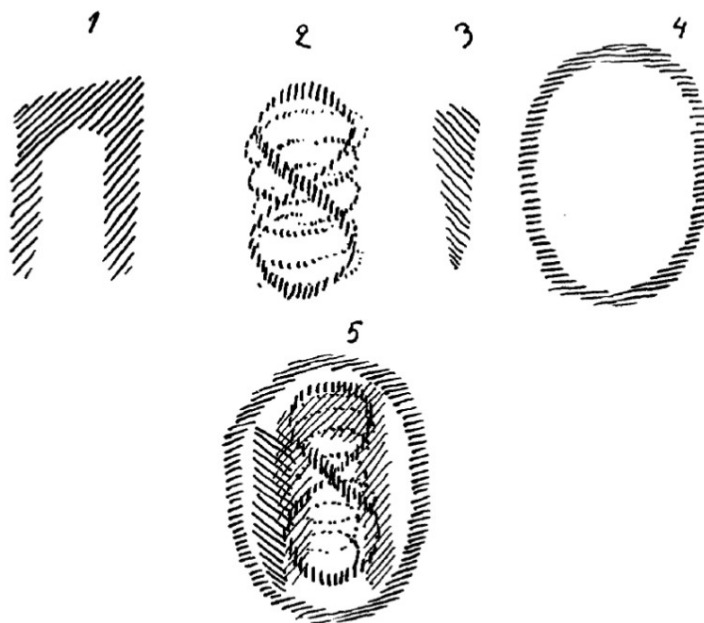
Permitam-me os senhores apresentar isto hoje rapidamente. O que teria surgido {através da influência dos espíritos da Forma} é aquilo que nenhum olho pode ver, nenhum sentido sensorial pode captar, pois as formas puramente anímicas não podem ser percebidas pelos sentidos exteriores. O que teria surgido dessa maneira coincide com aquilo que descrevi no livro *Como se alcança o conhecimentos dos mundos superiores?*², com aquilo que está contido no conhecimento imaginativo. A imaginação seria aquilo que os espíritos da Forma teriam criado inicialmente. Portanto, nada {de caráter} sensorial, mas imaginação supra sensorial.

2 Originalmente publicado em alemão em 1904. No Brasil, lançado pela Editora Antroposófica, sob o título *O conhecimento dos mundos superiores (A iniciação)*, São Paulo, terceira edição, 1991, Obra Completa volume 10.

Digamos que, visto de maneira muito esquemática (veja desenho 1 nesta página), teria devenido algo como uma imagem daquilo que os espíritos da Forma criaram como sendo a imaginação do ser humano. E isso teria sido realizado com aquilo que restou no ser humano das criações das hierarquias mais antigas. Assim, isso teria sido realizado com o que teria sobrado no ser humano da ação dos espíritos do Movimento, do movimento interior (desenho 2), e teria surgido diante de nós como aquilo que descrevemos no livro *Como se alcança o conhecimentos dos mundos superiores?*, como que dado através do conhecimento inspirativo, pois esses movimentos só seriam reconhecíveis como inspiração.

Isso significa que o ser humano estaria sido constituído de imaginação e depois teria resultado algo mais, o movimento, a inspiração. E o que os espíritos da Sabedoria dariam viria a ser a intuição. Portanto, seriam essencialmente conteúdos interiores, que de alguma forma ainda seriam preenchidos. Aqui (desenho 3) deveríamos colocar a intuição, ou seja, diretamente entes {espirituais}. E tudo isso encontraríamos como que envolto numa aura oval, que seria o resultado {da ação} dos espíritos da Vontade (desenho 4). Essa seria a natureza humana sobrenatural, que consistiria de conteúdos passíveis de serem acessados somente pelo conhecimento puramente sobrenatural. Mesmo que pareça fantástico, se nos for permitido falar dessa maneira, o verdadeiro ser humano é simbólico: o ser humano paradisíaco, que não é feito dos conteúdos materiais que hoje o conformam, mas que tem uma essência inteiramente sobrenatural.

Desenho 4



Então, o que resultou da influência luciférica? Vejam os senhores que, devido à influência luciférica, as imaginações foram, por assim dizer, borrifadas com o espírito arrebatado, ou seja, com a matéria. O resultado disso é o atual sistema ósseo humano. O sistema ósseo é o ser humano imaginado {pelos espíritos do Movimento} e preenchido de matéria. Porém, a matéria não pertence ao ser humano realmente superior, mas ela foi jogada naquilo que somente poderia ser imaginado, porque surgiu a influência luciférica. Enquanto que, de outra forma, seria cômodo atravessar um ser humano – se isso não fosse um desatino –, essas imaginações foram primeiramente comprimidas e, depois, ainda especialmente preenchidas com matéria óssea.

Acontece que, quem tentar atravessar um ser humano, choca-se com os seus ossos. Ele tornou-se simplesmente impenetrável. O que provém dos espíritos do Movimento foi preenchido com matéria muscular e o que poderia ser captada como intuição foi preenchida com matéria neural. Tudo o que for além disso {dessas materialidades} é inicialmente o sobrenatural, onde ora é considerado o corpo etérico humano, que, portanto, já é sobrenatural, que hoje somente é a fina materialidade, que justamente aparece como as mais finas pulverizações do etérico, enquanto que constitui o fundamento de matéria mais fina do que a matéria neural e, na verdade, não é levada em consideração de jeito nenhum.

Os senhores vêem, o ser humano é na verdade um ser que se tornou altamente embrutecido. Pois, se ele tivesse chegado a ser aquilo que, conforme as intenções e as visualizações originais dos deuses, deveria ser, ele não teria ossos, mas sua forma consistiria de ossos sobrenaturais imaginários. Igualmente, não teria músculos agindo como meios de locomoção, mas contaria com uma substância sobrenatural, que se deslocaria ao seu redor, enquanto que aquilo que hoje se movimenta foi recheado por toda parte com substância muscular. Aquilo que os espíritos do Movimento manifestaram como movimento sobrenatural transformou-se no movimento físico dos músculos {humanos} e aquilo que os espíritos da Sabedoria manifestaram como intuição transformou-se na matéria neural que preenche a intuição do ser humano sensorial.

Quando os senhores encontram o sistema ósseo desenhado nos livros de Anatomia, poderiam pensar que isso foi originalmente pura imaginação {espiritual} e viu-se de tal forma agrosseirado pelas influências luciférica e arimânica que hoje em dia surgem como ossos densos, grossos, quebradiços, duros. Neles, as imaginações {espirituais} estão endurecidas. E os senhores dizem mesmo que o ser humano não pode achar um brilho do mundo da imaginação no mundo físico! Quem sabe que o ser humano constituído de ossos é uma reprodução de uma imaginação {espiritual}, ao olhá-lo conclui plenamente que ele é uma reprodução do mundo dessa imaginação. Quando os senhores olharem o ser humano constituído de músculos, realmente deveriam dizer que essa é uma imagem absolutamente artificial, na verdade constitui uma imagem interiormente mentirosa por completo, pois eu inicialmente o *vejo* {NT: no original} formado, mas eu deveria *ouvi-lo* {no original} espiritualmente.

Na verdade, trata-se, de fato, de que o movimento rítmico sobrenatural está preenchido de matéria muscular, que deve sair daí. O que resta, não deve ser visto, mas ouvido, assim como os movimentos vibratórios da música devem ser ouvidos. Na verdade, os senhores deveriam ouvir as inspirações. Já o ser humano retratado com músculos que os senhores vêem constitui as inspirações do ser humano fixadas pela matéria. E os senhores não deveriam nem ver nem ouvir o ser humano constituído de nervos, mas somente percebê-lo integralmente espiritual. Sinceramente, para uma observação cósmica do mundo é absolutamente fora de lugar que, o que deveria ser somente concebido como pura espiritualidade, na verdade é um envoltório espiritual pulverizado de matéria física, que a pessoa capta visivelmente e que, de fato, ela somente deveria perceber como intuição.

A saída do paraíso consiste mesmo em que o ser humano originalmente estava no mundo espiritual, ou seja no paraíso, e que então estava constituído de imaginação, inspiração e de intuição, o que significa dizer que tinha existência exclusivamente sobrenatural. Depois, ele foi tratado com aquilo que ele mesmo gerou através da influência luciférica, que, digamos assim, foi pulverizado com o que surgiu do espírito quebrado, com a matéria. No fundo, isso é algo que nos preenche, mas que não pertence ao ser humano. Nós carregamos essa matéria conosco e por levá-la conosco é que devemos morrer fisicamente. Essa é de fato a razão da morte física e de outras mais.

Pois, na medida em que o ser humano, por assim dizer, abandonou o seu estado espiritual, vive aqui na existência física até que a matéria vence o que a mantém coesa. Pois ela é realmente assim, que quer permanentemente quebrar-se e a matéria só é mantida unida aos ossos pela força da imaginação {espiritual}. Quando ela {a matéria} predomina sobre a força dos ossos, aí então os ossos tornam-se incapazes de viver. O mesmo ocorre com os músculos e os nervos. Assim que a matéria nos ossos, músculos e nervos predomina, respectivamente, sobre a imaginação, a inspiração e a intuição, aí ela pode se desfazer e, então, o ser humano deve abandonar o seu corpo físico. Aqui os senhores encontram a relação entre a morte física e a influência luciférica. Amanhã, vamos continuar com este tema, vendo como o mal, a doença e semelhantes chegaram ao mundo.

* GA 134 O mundo dos sentidos e o mundo do espírito Rudolf Steiner Verlag, Dornach, quinta edição, 1990.